

Só recentemente a eletrencefalografia ambulatorial vem contribuindo para diagnóstico e para o diagnóstico diferencial das epilepsias. Os recentes progressos da eletrônica viabilizou o desenvolvimento de sistemas totalmente digitais, como o utilizado por Kida e colaboradores. Esses autores nos apresentam os resultados preliminares de seus estudos, justamente pela abordagem quantitativa dos artefatos em registros normais. Utilizando o mesmo sistema de monitorização eletrencefalográfica ambulatorial (holter cerebral), Park e colaboradores fazem um curioso estudo onde crises epiléticas subclínicas são identificadas pela análise da atenuação de artefatos biológicos, observados em seus registros de pacientes com descargas por complexos ponta-onda de 3 Hz.

Oquino e colaboradores apresentam seu estudo na área da sociabilização do paciente deficiente físico, mostrando os resultados de uma pesquisa de campo sobre as instituições paulistanas, públicas ou privadas, segundo o tipo de assistência prestada.

As doenças vasculares cerebrais continuam no topo, junto daquelas com maior mortalidade e também desencadeantes de incapacidades. São menos comuns quando afetam o sistema venoso e boa parcela dos nossos conhecimentos clínicos nessa área surgiram com o advento da tomografia computadorizada do crânio. Xavier e colaboradores nos apresentam os resultados da análise de 22 pacientes com trombose venosa cerebral, focalizando os aspectos clínicos e etiológicos.

As influências da gravidez sobre a epilepsia, assim como os efeitos da epilepsia e das drogas antiepiléticas utilizadas sobre a gravidez, e conseqüentemente sobre o feto, são temas complexos que necessitam constante revisão. Campos e Kairalla vêm nos trazer uma atualização sobre esse assunto e sugerir medidas que possam beneficiar tanto a mãe quanto o feto.

A doença de Creutzfeldt-Jakob, suas variantes, a doença de Gerstmann-Sträussler-Scheinker, a insônia familiar fatal e o Kuru estão dentre aquelas causadas por Prions (proteínas isentas de ácido nucléico e com capacidade autorreplicativa). Araujo e Oliveira nos brindam com um artigo desenvolvido de modo cuidadoso, preciso e abrangente, descrevendo seus aspectos gerais, etiopatogênicos, clínicos, diagnósticos, e perspectivas terapêuticas, tornando-o irresistível.

A revisão do tema cefaléias indometacina-responsivas, desenvolvida por Queiroz, nos possibilita tomar contato com um grupo heterogêneo de cefaléias que tem como característica comum responder ao tratamento com a indometacina. Além dos aspectos clínicos descritos o autor nos fornece uma relevante contribuição pessoal com sua proposta de classificação desse grupo de cefaléias, conforme a efetividade do tratamento com essa droga.

José Osmar Cardeal